

Arlivre Informação

Editorial

Estamos quase no verão. Este ano, felizmente, não é de prever que a praga habitual dos incêndios florestais nos atinja com a mesma força dos anos anteriores. Para nós, que percorremos o nosso país de lés a lés, e que o conhecemos como ninguém, são evidentes as diferenças na paisagem. Está tudo mais bonito, mais verde, os campos estão mais floridos, os regatos vão correndo e as barragens têm mais água. Por outro lado tem-nos chovido mais em cima...

O nosso Clube continua a apresentar um dinamismo invejável! Vejamos como exemplo o fim-de-semana de 27 e 28 de Maio: realizou-se a belíssima actividade dos Olhos d'Água, correspondemos de forma entusiasta ao convite da Câmara de Alenquer para passear em Montejunto (ao qual se juntou o GDAO, com cerca de 20 elementos), o GDAMO esteve em actividade na Serra da Freita e o GDAE, com 2 cursos de escalada a decorrer, esteve em Puerto Roque e Portas do Ródão juntando-se, no domingo, na Idanha.

Resumo

11 de Junho	Domingo	Parque Florestal de Monsanto
18 de Junho	Domingo	Actividade cultural de descoberta
24 de Junho	Sábado	Aldeia da Ponte / Sabugal
1 de Julho	Sábado	Cortegana - Rivera de Chanza
8 de Julho	Sábado	Nocturna – Os Medos de Albufeira
15 de Julho	Sábado	O Pontal da Carrapateira
22 a 30 de Julho	Sábado a Domingo	Açores

Parque Florestal de Monsanto

11 de Junho - Domingo - 1 bota

Para conhecermos melhor o ambiente envolvente da 'nossa casa'

Com o CAAL, uma vez mais, vamos passear pelo Parque Florestal de Monsanto. Tem as vantagens de ser mesmo ao pé da porta, de podermos decidir no próprio dia e de ficarmos a conhecer uma nova faceta de Monsanto.

Local de concentração: Cruz das Oliveiras, junto aos bombeiros. Início às 9h30 e final no mesmo local pelas 12h30.

Inscrição: Gratuita no local.

conhecer um bairro, muitas vezes considerado problemático, guiado pelos seus moradores para, no fim, descobrir que é habitado na sua maioria por gente pacata e trabalhadora.

Vamos conhecer e contactar as tradições, a música, a arte e a culinária destes países, aprender a fazer tranças no cabelo, provar os sabores da sua cozinha e descobrir a história deste bairro através das explicações dos nossos guias, membros da Associação Cultural Moinho da Juventude.

Para quem quiser há ainda oportunidade para um almoço de cachupa, prato típico da cozinha de Cabo Verde.

Ponto de encontro: Às 10h00 na estação de comboios de Sta Cruz, na Damaia.

Por razões de organização esta actividade é limitada a 30 pessoas e é imprescindível a inscrição no Clube.

O preço inclui a visita e os guias, e a prova de um pastel de milho típico a meio da manhã. O almoço é composto de cachupa, bebida, sobremesa e café.

Actividade cultural de descoberta

18 de Junho – Domingo – 1 par de ténis

Venha ver África cá dentro

Preço com almoço 16,00 € / Preço sem almoço 8,00 €

Esta actividade, extra calendário, tem por fim dar a conhecer os usos e costumes dos africanos que vivem em Lisboa, na Cova da Moura, com especial incidência nos povos de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. É uma oportunidade única de

Aldeia da Ponte/Sabugal

24 de Junho – Sábado – 2 botas

As noras e as picotas na raia

Autocarro 42,00 € / Men. 21 anos 19,00 €

Viatura própria 20,00 € / Men. 21 anos 17,00 €

A três quilómetros de Espanha, mais concretamente em Aldeia da Ponte, localizada entre Vilar Formoso e Sabugal, terá lugar esta actividade do CAAL.

Venha connosco **descobrir recantos agradáveis**, picotas e noras de rega, nas margens do Rio Cesarão que, juntamente com o espólio recolhido no museu de Aldeia da Ponte, nos ajudam a recordar o que foi a actividade agrícola, algumas décadas atrás, das gentes raianas de Riba-Côa.

Se gosta de **História**, aproveite ainda para aumentar ou consolidar os seus conhecimentos pois, para além da ponte romana que deu o nome a Aldeia da Ponte, vamos visitar a igreja de Nossa Senhora da Sacaparte que **"fica perto da villa do Sabugal e da freguesia de Aldeia da Ponte... está entre a villa de Alfaiates e a raia hespanhola, d'onde dista 3 km... foi construída no tempo dos gódos ... D. Diniz ... vinha aqui frequentes vezes fazer grandes caçadas... junto à egreja há uma grande albergaria para os romeiros... No séquito dos de Castello-Mendo, vinham 18 homens, nós, da cintura para cima,.."**, e muito mais que o aldipontense José Prata, antropólogo, nos ajudará a descobrir... na Sacaparte e em Aldeia da Ponte. Mesmo que não aprecie festas de touros, desafiámo-lo a surpreender-se com as origens e prática da tradição muito arreigada, **muito diferente e única, das touradas "à moda da raia"**, descobrindo o que é e para que serve o "forcão", tradição que faz parte deste "Portugal Ainda...". Contamos, também aqui, com o saber, a sensibilidade, a vivacidade e a vivência do antropólogo José Prata. Terá ainda oportunidade de percorrer parte de alguns dos trilhos dos **contrabandistas** da raia que, depois dos trabalhos dos campos, 'alngados' com o peso das cargas e... sabe Deus... quantas vezes 'esgalgados' de fome, faziam o contrabando que, pela sua insignificância, não lesava a economia do país, mas era uma pequena achega, essencial, ao sustento familiar.

A actividade não podia terminar sem um **lanche ajantarado (incluído no preço)** com sopa de legumes e produtos regionais, etc. etc., em local surpreendentemente adequado. Parece o "El Dorado". Venha daí e mexa-se, que não se arrepende!

Características do percurso: 16km, algum corta mato, decorrendo em regra em caminhos de pé posto, próximo das margens do Rio Cesarão, por isso aconselha-se o uso de botas e calças. Considerando a época do ano, o chapéu, o creme solar e a água são indispensáveis. Antes de iniciar a actividade tem a oportunidade de se abastecer com sandes, água e refrigerantes. **Cartografia:** Folhas 216 e 227 da Carta Militar de Portugal, na escala 1/25000 do IGE.

Partida: Às 6h15 de Algés e às 6h30 de Sete Rios.

Participação em viatura própria: Concentração às 11h00, junto da ponte romana de Aldeia da Ponte.

O preço inclui o lanche ajantarado.

Nota – O antropólogo aldipontense José Prata acompanhar-nos-á desde Lisboa enriquecendo com o seu saber esta bela actividade.

Cortegana

1 de Julho – Sábado – 2 botas

No paraíso do porco ibérico

Autocarro 39,00 € / **Men. 21 anos** 18,00 €

Viatura própria 19,00 € / **Men. 21 anos** 13,00 €

A 40km da fronteira de Vila Verde de Ficalho, na estrada Lisboa/Sevilla, encontramos-nos com Cortegana. Está alcançada sobre **o vale depressionário da Rivera de Chanza**, que

inclusive nasce na povoação, e é delimitado pelas **serras de Aroche**, a norte, e Pelada, a sul; a ocidente, sem qualquer obstáculo, são terras de Portugal.

Com tal posicionamento, só podia ter **castelo**, que é construído no século XIII, numa região que os mouros estavam a perder e os portugueses reivindicavam. Ao longo dos séculos, os homens e as forças da natureza foram-no destruindo. que vamos visitar é o resultado da restauração feita no século XX.

Mas o que verdadeiramente nos entusiasmou a visitar a região foi a **depressão**, de 3km de diâmetro, de **"Valle de Las Torres"**, envolvida por montes, mas com uma pequena abertura, por onde se escapa o Arroyo de Arochete. Terá sido uma lagoa, ou a caldeira de um vulcão? Não sabemos, mas tal como em Ngorongoro (na Tanzânia) são os animais que mandam. Como é Europa, são vacas e porco ibérico; não numa savana de acácias, mas numa "Dehesa" de "alcornoques" e "encinas".

Ah, já me esquecia... a actividade decorre no **Parque Natural de "Sierra de Arcena y Picos de Aroche"**.

Características do percurso: 90% é feito por caminho e 100%, debaixo de árvores (sobreiros, azinheiras e eucaliptos). O único desnível são 100m na subida ao Cerro Ballesteros e idêntica descida. No troço final sobem-se 200m, em 3km de extensão. O percurso anda à volta de 16km mas, se o tempo estiver abafado, será feito em andamento lento (cerca de 7h30).

Recomendações: Levar almoço, protector solar e bastante água.

Cartografia: Hoja 9-36 do Servicio Geográfico del Ejército e 9-37 do Instituto Geográfico Nacional, ambas na escala 1/50000.

Partida: Às 6h30 de Algés e às 6h45 de Sete Rios. No regresso prevemos jantar em Serpa e chegar a Lisboa depois da meia-noite.

Participação em viatura própria: Concentração no largo de onde parte a rua de acesso ao castelo de Cortegana, às 10h45 (hora portuguesa). Após a visita ao castelo, dirigem-se para El Puerto (Monte Puerto), onde terá início o passeio circular.

Os Medos de Albufeira

8 de Julho - Sábado – 2 botas

Nocturna – Ao luar como sempre...

Viatura própria

4,80 €

Só o CAAL nos faz esta proposta que não lembra ao diabo... circular à luz do luar por matas, praias e falésias...cear e sonhar, quase à meia-noite, à beira duma lagoa!

Por cima dos medos (é) e sem medo (ê) levaremos as nossas botas por um oblongo passeio que tocará a Mina de Ouro, os Olhos de Água, o Galherão e, também, na Lagoa de Albufeira, a Boca Velha e o Cais do Rei. Quem quiser bivacar poderá esperar pelo nascer do Sol... os outros regressarão pelo cimo recortado da falésia, olhando a larga baía que se estende do Cabo Espichel ao Cabo Raso, pontuada pelas luzes ribeirinhas. O mar será de prata... temperatura amena, brisa marítima, boa companhia... a 20km de Lisboa.

Característica do percurso: Sem desníveis acentuados, sem estradões nem alcatrão... fofinho! Cerca de 13km.

Cartografia: Folha 453 da Carta Militar de Portugal, na escala 1/25000 do IGE.

Recomendações: Levar corta-vento, ceia e líquidos e não esquecer meia-bota anti-areia com sola estriada.

Concentração: Às 19h30 de Sábado junto (100m) à Base Militar da NATO que fica 2km ao sul da Fonte da Telha.

Seguindo de Lisboa, atravesse a Charneca da Caparica, passe ao cimo da rampa da Fonte da Telha e siga até ao fim do alcatrão... e lá estaremos, com telemóvel, claro...

Observação: Levar os amigos destemidos e... sonhadores!

Inscrição no local da concentração.

O Pontal da Carrapateira

15 de Julho – Sábado – 2 botas

Do verde matizado dos montes para o azul transparente do mar

Autocarro 30,00 € / **Men. 21 anos** 11,00 €

Viatura própria 12,00 € / **Men. 21 anos** 9,00 €

Entre Aljezur e Sagres encontra-se uma mancha de calcários, numa região de xistos. O recuo da costa fez com que os calcários mais duros ficassem proeminentes sobre o mar. A sua erosão fez aparecer um sem número de pequenas enseadas de águas transparentes e rochas a pique. É este o Pontal da Carrapateira que vamos percorrer.

Partiremos de uma pequena aldeia no interior, Pedralva, nas margens da Ribeira da Carrapateira e famosa, em todo o Algarve, pelas suas pizzas. Depois de subirmos para o Planalto de Vila do Bispo dirigimo-nos, por uma cumeada entre barrancos, para a praia do Amado, onde é possível um banho retemperador e, para os mais esfomeados, um almoço rápido num dos numerosos restaurantes da praia.

De seguida percorreremos o Pontal, avistando os pescadores pendurados nas falésias, sem perceber como conseguiram chegar lá! Na praia da Bordeira o autocarro espera por nós.

Características do percurso: Percurso de cerca de 14km, sem desníveis a assinalar; percorrendo caminhos transitáveis e de pé posto, a saborear a paisagem. Sem neutralização. Reabastecimento de água e suplemento alimentar possível nos apoios da praia do Amado, sensivelmente a meio do percurso.

Recomendações: Uso de vestuário adequado à estação do ano na Costa Vicentina: sol forte e calor; no interior; e vento fresco da nortada nos locais expostos da costa, pela tardinha. Calçado adequado: botas ou sandálias de caminhada.

Cartografia: Folhas 592 e 601 da Carta Militar de Portugal, na escala 1/25000 do IGE.

Partida: Sábado, dia 15, às 6h30 de Algés e às 6h45 de Sete Rios.

Participação em viatura própria: Concentração no centro da Carrapateira, junto da EN 268, próximo do mercado, pelas 12h00.

PRÓXIMAS ACTIVIDADES

2 a 10 de Set.	Sáb. a Dom.- Rep. Checa - Boémia do Sul
10 de Set.	Dom. - Parque Florestal de Monsanto
16 de Set.	Sáb. - Alguber e a Serra de Todo o Mundo
23 e 24 de Set.	Sáb. e Dom.- XXI Aniversário – Arouca
30 de Set.	Sáb. - Do Mondego ao Buçaco

Nota da Direcção

Agradeço que os companheiros que ainda não tenham pago a sua quota anual, ou tenham a conta corrente negativa, contactem o secretariado do Clube com vista à sua regularização. Lembramos que contas correntes negativas criam problemas na tesouraria, principalmente nas inscrições para as actividades.

XXI ANIVERSARIO AROUCA 23 e 24 de Setembro

Este ano, coincidindo com a festa anual das colheitas, vamos comemorar o nosso Aniversário na maravilhosa região de Arouca / Serra da Freita. Ficaremos instalados num bonito parque de campismo de montanha, de onde sairemos para os nossos passeios. O nosso Jantar de Aniversário, com o já tradicional bolo, animação, distribuição de diplomas, etc. terá lugar num restaurante em Arouca.

Como a **festa das colheitas** é a mais importante desta região, todos os alojamentos alternativos ficam esgotados com muita antecedência. Para ultrapassar esta questão a Direcção negociou, a um preço especial, a reserva de uma série de quartos, todos com casa de banho privativa, para os companheiros que não queiram ficar em campismo.

Se não queres acampar, assegura e sinaliza já a tua reserva junto do secretariado do CAAL (quartos de casal com uma ou com duas camas - 16,00€/pessoa; quartos de três camas - 12,00 €/pessoa).

Os quartos estão reservados apenas até ao dia 15/07/2006. Na próxima informação seguem todos os pormenores sobre o XXI Aniversário do nosso Clube.

GDAO - GRUPO DE DINAMIZAÇÃO DE ACTIVIDADES DE ORIENTAÇÃO

A próxima reunião do Grupo de Orientação, aberta a todos os sócios, realizar-se-á dia **22 de Junho, Quinta, às 21h30**, na sede do Clube, para preparar a actividade a Sul da Malcata.

GDAO - GRUPO DE DINAMIZAÇÃO DE ACTIVIDADES DE MONTANHA

A próxima reunião do Grupo de Montanha, aberta a todos os sócios, realizar-se-á no dia **5 de Julho, Quarta, às 21h30**, na sede do Clube, para preparar a actividade da Serra de Béjar (15 e 16 de Julho).

GDAE - GRUPO DE DINAMIZAÇÃO DE ACTIVIDADES DE ESCALADA

A próxima actividade vai realizar-se nos dias: **15, 16, 17 e 18 de Junho** na Serra de Béjar. Para participar, contactar o coordenador do Grupo de Escalada através do email igomes@estereofoto.pt

CAAL - Clube de Actividades de Ar Livre ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL DE AMBIENTE

Presidente: João Luis Mattos Coelho

Centro Associativo do Calhau - Sítio do Calhau

Parque Florestal de Monsanto 1500-045 Lisboa

NIB 003507360001660883032

Conta - 0736 016608 830 - CGD S. Domingos de Benfica

Tel.: 21. 778 83 72 TM: 96 . 629 52 60 Fax: 21. 778 83 67

email: caal@mail.telepac.pt site: <http://www.clubearlivre.org>

Horário de expediente 3ª, 4ª e 5ª feira das 14h30 às 19h00

2ª Marcha dos Fortes

Sábado, 14 de Outubro 2006

(integrada na Festa do Vinho e das Vindimas de Bucelas)

O CAAL convida todos os seus Sócios, os Clubes de Montanhismo e Pedestrianismo, além de todas as Associações dos concelhos por onde passa a Marcha, a participarem nesta grande actividade. O desafio pode ser simplesmente fazer uma etapa de 10 km ou completar todos os 42 km, como fizeram com grande alegria os 101 companheiros no ano passado. Este ano prevemos terminar em plena Festa do Vinho e das Vindimas em Bucelas. **Marca já na tua agenda o dia 14 de Outubro e junta-te a nós!**

O que são as Linhas de Torres Vedras

Trata-se de um conjunto de pequenos fortes, mandado edificar pelo general inglês Wellington, comandante das forças aliadas em Portugal (que previa uma nova invasão do exército francês), que se estendem do Tejo até ao mar e que têm como principal objectivo, a defesa de Lisboa. Este conjunto arquitectónico militar reforçava os obstáculos naturais do terreno, controlando todas as passagens - nomeadamente a que de Coimbra leva até Lisboa - ao mesmo tempo que permitia a comunicação com o mar, salvaguardando uma possível retirada militar dos ingleses, em caso de derrota. A construção das Linhas de Torres iniciou-se em Novembro de 1809 com os fortes de S. Julião da Barra, Sobral e Torres Vedras, a que se seguiram as fortificações de Mafra, Montachique, Bucelas e Vialonga. Tendo terminado apenas em 1812, a sua ocupação pelos aliados foi feita ainda com as fortificações inacabadas. No seu todo compreendiam um conjunto de 152 fortificações, colocadas em pontos estratégicos ou elevados, com uma capacidade de guarnição de 39000 homens e um potencial bélico de 628 bocas de fogo que defendiam todas as vias de acesso. Estavam divididas em três grandes linhas, a primeira ia de Alhandra à Foz do Sizandro, a segunda, da Póvoa de Sta. Iria a Ribamar e, a terceira, ficava junto a S. Julião da Barra. O sua construção decorreu em segredo absoluto e, sob o comando inglês, mais de 150 mil camponeses trabalharam na construção destas fortificações. Napoleão nunca levou muito a sério a real valia das tropas inglesas e portuguesas pelo que, as duas primeiras invasões de Portugal foram comandadas por generais, que se podem considerar de segunda linha. No entanto, a terceira levou a que fosse destacado o general Massena, na tentativa de submeter os aliados e resolver o problema chamado Portugal de uma vez por todas. Massena, apesar de ter chegado até bem perto das Linhas, depois de ter observado pessoalmente as linhas de Torres e de se ter apercebido da dificuldade que seria transpolar, iniciou a sua retirada da Península Ibérica. Perseguido pelas forças aliadas e depois de alguns confrontos dos quais saíra derrotado, a 5 de Abril de 1811 estabeleceria o seu quartel-general em Ciudad Rodrigo. Desta forma a estratégia tecida pelo duque de Wellington e que levou à construção das linhas de Torres resultou na derrota francesa, marcando o final das guerras napoleónicas. Passados dois séculos, restam ainda os vestígios materiais destes confrontos.

Uma perspectiva estratégica

Apesar da extensa bibliografia dedicada – sobretudo em língua inglesa – à chamada Guerra Peninsular, são escassas as referências à longa linha de fortificações conhecida como Linhas de Torres, sendo muito limitados os estudos tendentes a clarificar o seu verdadeiro papel e a importância que assumiram naquele conflito. Com efeito, pode afirmar-se que as Linhas de Torres constituíram a pedra angular da estratégia peninsular de Arthur Wellesley – mais tarde duque de Wellington e marquês de Torres Vedras – enquanto comandante das tropas anglo-lusas. Para melhor o podermos compreender, há que ter em conta algumas considerações referentes à natureza dos contendores envolvidos, bem como às condicionantes a que se encontravam submetidos. A Guerra Peninsular, enquanto componente das Guerras Napoleónicas - através das quais Napoleão Bonaparte procurou firmar a hegemonia francesa no continente europeu para, dessa forma, ganhar um acesso privilegiado aos mercados coloniais – deve ser entendida essencialmente como uma confrontação entre uma potência continental – a França – e uma potência marítima – a Grã-Bretanha. Esta agarrou o melhor que pôde o pretexto oferecido pelos franceses quando, a fim de fecharem os portos peninsulares aos navios britânicos, enviaram tropas para Espanha; tais tropas, em princípio destinadas a uma invasão de Portugal, começaram por ser bem recebidas pelos povos espanhóis, mas cedo a situação se inverteu. A explicação para uma tal mudança de atitude é simples: embora muitas vezes tal passe despercebido ao leigo, o factor decisivo para o desfecho de qualquer conflito armado só muito raramente reside na heroicidade ou valor das forças em confronto, ou no seu nível de armamento. É a logística que, aliada às circunstâncias impostas pelo terreno e pelo tempo, que mais frequentemente dita o resultado de uma confrontação militar. Ora quanto maior e mais poderoso um exército, mais desmesuradas são as suas necessidades, e maior o esforço que impõe às suas fontes de aprovisionamento. Dadas as distâncias a que o exército francês operava das suas bases transpirenaicas, não restava outra opção, para alimentar homens e bestas, senão recorrer ao aprovisionamento local. Porém, em virtude da relativa pobreza das produções agrícolas na península, este facto punha muitas vezes os habitantes locais perante um dilema: o de se oporem pela força ao aliado (ou invasor) francês, ou com as suas famílias perecerem pela fome. Do ponto de vista britânico (e português), a Guerra Peninsular assumia então as características de uma guerra de desgaste. Embora as forças terrestres empenhadas pelos anglo-lusos fossem reduzidas, enquanto mantivessem uma actividade limitada que simplesmente forçasse os franceses a permanecerem em Espanha, estes veriam a sua força declinar constantemente. Que assim era, atesta-o o facto de que as perdas francesas em batalha, na Península, rondaram os 50000 homens, mas perto de 180000 foram perdidos pela fome, pela doença ou pela acção da guerrilha. Contudo, para suprir as suas necessidades logísticas, impedindo que tropeçassem no mesmo tipo de problemas de que padeciam os seus inimigos, os anglo-lusos necessitavam de um porto de águas profundas que servisse de ancoradouro aos navios britânicos responsáveis pelo reabastecimento. Essa base logística teve de ser Lisboa, cidade que goza de um conjunto de vantagens geográficas únicas, do ponto de vista estratégico. Efectivamente, graças ao Tejo, uma tomada de Lisboa pelos seus flancos Sul ou Sueste é de extrema dificuldade para uma força terrestre. Tal fora demonstrado de forma inequívoca em 1801, durante esse prelúdio às Invasões Francesas que ficou conhecido pelo nome de Guerra das Laranjas: então, quer a ausência de exploração do sucesso conseguido pelo exército espanhol na frente alentejana, quer a relutante resistência oferecida pelas forças portuguesas concentradas nos arredores de Portalegre se deveram, em última análise, à dificuldade de retirar um exército INTACTO do Alentejo, já que apenas a montante de Abrantes se tomaria viável encetar uma travessia. Entre 1809 e 1812, esta via de aproximação a Lisboa podia ser considerada ainda mais segura, em virtude da presença da esquadra britânica. O flanco Oeste, por outro lado, era igualmente pouco vulnerável: fosse, uma vez mais, pelo patrulhamento naval britânico; fosse pela escassez de locais adequados a um desembarque em força; fosse, principalmente, pela inerente fraqueza naval do inimigo. Restavam portanto as vias de aproximação vindas do Norte: ao longo da margem direita do Tejo, por Vila Franca e Alhandra; ou através de três corredores distintos, centrados respectivamente em Bucelas, Montachique e Mafra. O elemento comum a todas essas vias era a Serra de Montachique; controladas as alturas desta serra, controlar-se-iam os únicos acessos viáveis a Lisboa. Naturalmente, tendo por base tais pressupostos, rapidamente Wellesley fez encetar as obras de fortificação da Serra de Montachique, desenvolvendo dessa forma o que vieram a ser as Linhas de Torres. A importância destas não se deve portanto à forma como resistiram aos assaltos inimigos – de facto não chegaram sequer a ser atacadas; mas nem por isso deve ser subestimada, já que, sem a segurança por elas permitida, a permanência das forças anglo-lusas na Península não poderia ter-se estendido pelo tempo suficiente para assegurar o conveniente desgaste do exército francês. Como tal, as Linhas de Torres bem podem considerar-se o trampolim para as acções ofensivas subsequentes, que acabariam por levar de vencida as águias napoleónicas!